



# Formação Profissional

Investigação Educacional sobre  
teorias, políticas e práticas

Atas do XX Colóquio da Secção  
Portuguesa da AFIRSE

## Título | Titre

Formação Profissional: Investigação Educacional sobre teorias, políticas e práticas. Atas do XX Colóquio da Secção Portuguesa da AFIRSE

## Organização | Organisation

Maria Teresa Estrela, Cármen Cavaco, Patrícia Rosado Pinto, Maria João Cardona, Belmiro Cabrito, Fernando Albuquerque Costa, João Pinhal, Júlia Ferreira e Patrícia Figueiredo.

## Ficha Técnica | Fiche Technique

*Conceção, composição e grafismo*

Patrícia Figueiredo

Miriam Cordeiro

ISBN: 978-989-8272-17-1

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

## Olhares de Educadores e Professores sobre o Ensino das Expressões na Educação Infantil e no 1.º Ciclo do Ensino Básico - Estudo de caso numa escola de estágio

Maria Isabel Condessa<sup>116</sup>

condessa@uac.pt

Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores

Ana Maria Melo<sup>117</sup>

anamel089@hotmail.com

Centro Integrado de Educação da Criança da Universidade do Minho

### Resumo

A escolha da área das Expressões como temática a aprofundar teve origem no nosso percurso escolar, académico e não só, onde constatamos sempre duas realidades distintas. Por um lado, e referente ao contexto educacional Pré-Escolar, deparamo-nos com o seu uso significativo. Por outro lado, e relativamente ao contexto do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), verificamos uma quase exclusão ou abolição destas áreas, onde eram, maioritariamente, desenvolvidas nas épocas festivas ou como momentos para ocupar o tempo das crianças.

Como tal, tornou-se pertinente averiguarmos a forma como está previsto o desenvolvimento das Expressões na Lei das Bases do Sistema Educativo e confrontar essa intenção teórica com a realidade da prática na escola em que realizamos o(s) nosso(s) estágio(s): tentando conhecer como os Educadores de Infância e os Professores do 1.º Ciclo, da escola do nosso estágio pedagógico, percecionam as potencialidades e limitações do ensino das expressões na escola.

Sendo assim, contamos com a colaboração de 3 Educadoras de Infância e 3 Professoras do 1.º Ciclo, que estavam a lecionar no ano letivo de 2011/12 numa Escola Básica Integrada de Ponta Delgada com cooperação na formação de professores da Universidade dos Açores. Recorremos à entrevista semi dirigida, para recolher as suas perspetivas e a partir da análise de conteúdo dos seus depoimentos, transcrevendo os excertos mais relevantes, pudemos averiguar que as Expressões são consideradas áreas ricas pelo seu potencial, no entanto, apresentam dificuldades na sua implementação, alusivas à escola, ao currículo, à criança e ao próprio professor.

Por fim, propusemos dois possíveis desafios que podem vir a melhorar a qualidade de ensino das Expressões, sendo eles melhorar a formação contínua e (re)pensar a coadjuvação e cooperação entre professores generalistas e especialistas na escola.

### Palavras-chave

Educação Básica; Expressões; Teoria e Prática de Ensino; Coadjuvação e Cooperação

### Résumé

Le choix de le domaine d'Expressions thématiques tiens à approfondir son origine dans notre parcours scolaire, universitaire ou non, partout où nous trouvons deux réalités distinctes. D'un coté, référent à l'éducation pour le préscolaire, nous sommes confrontés à leur utilisation judicieuse. Par ailleurs, et en relation avec le contexte du 1er cycle de l'éducation de base (CEB), on trouve une exclusion presque ou la suppression de ces zones, qui ont été surtout développées dans les périodes de fêtes ou de temps en temps pour occuper les enfants.

Et de tel façon, il y a devenu pertinent d'analyser la forme comme est envisagé le développement des Expressions dans la Loi de Base du Système d'éducation et de confronter l'intention théorique avec la réalité de la pratique dans l'école où nous avons effectué le (s) notre (s) étape (s): Essayer d'apprendre comment éducateurs des enfants et

<sup>116</sup> Departamento de Ciências da Educação, Universidade dos Açores

Centro Integrado de Educação da Criança, Universidade do Minho

<sup>117</sup> Departamento de Ciências da Educação, Universidade dos Açores

enseignants du 1<sup>er</sup> cycle, de l'école de notre pratique de l'enseignement, ont la perception des potentialités et des limites de l'enseignement des expressions à l'école.

Donc, nous avons eu la collaboration de 3 éducateurs des enfants et 3 enseignants du 1<sup>er</sup> Cycle, qui enseignaient pendant l'année scolaire 2011/12 en l'Ecole Primaire et Intégrée à Ponta Delgada, avec la coopération dans la formation des enseignants à l'Université des Açores. Nous avons utilisé des interviews semi dirigés, afin de recueillir leurs points de vue et de l'analyse du contenu de leurs déclarations, la transcription des extraits les plus pertinents, nous déterminons que les expressions sont considérées comme des zones riches pour leur potentiel, cependant, ont des difficultés dans sa mise en œuvre, en faisant allusion l'école, le programme d'études, l'enfant et l'enseignant lui-même.

Enfin, nous avons proposé deux défis possibles qui peuvent améliorer la qualité des expressions d'enseignement, qui sont d'améliorer la formation et (re)pensé l'assistance et la coopération entre les professeurs généralistes et les professeurs spécialistes des écoles.

#### Mots-clés

L'éducation de base; Expressions: Théorie et pratique de l'éducation; assistance et la coopération

## INTRODUÇÃO

A significância e pertinência das Expressões está no facto de estas permitirem o envolvimento e desenvolvimento da criança como um todo, ou seja, estas potenciam a concordância entre o pensar e o fazer, pois tal como refere Charréu (2001:167) "(...) só a conjugação harmoniosa destas duas formas, a do «agir» e a do «pensar», sem qualquer espécie de subserviências uma em relação à outra, poderá providenciar ao jovem aluno, as bases e ferramentas fundamentais para fazer face, com sucesso, aos desafios que lhe são colocados por um mundo em constante mudança."

Neste caso, podemos verificar que a área das Expressões não tem um cariz passageiro na vida da criança, tendo em conta que visa o desenvolvimento de competências que lhe permitirão atuar, futuramente. Além disso, pensar exige refletir sobre algo, imaginar soluções, imaginar meios e fins... sendo, portanto, um processo criativo, um processo próprio a cada pessoa em particular (Jensen, 2002:65).

Nas orientações curriculares para a educação pré-escolar as aprendizagens a desenvolver pela criança encontram-se organizadas em três grandes áreas: de Formação Pessoal e Social, de Conhecimento do Mundo e de Expressão e Comunicação. Tal como o próprio nome indica, é nesta última que se prevê o desenvolvimento da criança ao nível expressivo, em quatro áreas distintas, sendo elas a Expressão Dramática, a Expressão Musical, a Expressão Plástica e a Expressão Motora, que "(...) têm a sua especificidade própria, mas que não podem ser vistas de forma totalmente independente, por se completarem mutuamente." (In Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, 2009:57).

No que concerne ao 1.º CEB, as Expressões, onde se incluem as Artísticas (Dramática, Musical e Plástica) e a Físico-Motora, são consideradas áreas curriculares disciplinares de frequência obrigatória, tal como a área do Português, da Matemática e do Estudo do Meio (In Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico, 2004:19).

Neste nível de ensino, estas áreas apresentam nomenclaturas diferentes das utilizadas no Pré-Escolar, tendo o acréscimo da palavra "educação". Assim, verificamos que estas têm um duplo objetivo, por um lado potenciar o

desenvolvimento da expressividade da criança, tal como é preconizado na educação Pré-Escolar, e por outro, promover a sua educação artística ou desportiva.

De um modo geral, existe uma continuidade no desenvolvimento das Expressões entre a educação Pré-Escolar e o ensino do 1.º Ciclo, tendo em conta que este último assume uma posição mais específica relativamente ao anterior. Assim, a escola caminha no sentido de dar resposta às necessidades das crianças, pois permite, de forma significativa, uma articulação entre o que as crianças procuram e precisam para se desenvolverem os objetivos gerais da educação.

Contudo, nos últimos anos as áreas das Expressões tem vindo a sofrer um decréscimo de investimento da educação pré-escolar para o ensino do 1.º ciclo do ensino básico. Apesar de serem áreas disciplinares de cariz obrigatório, neste período de ensino começam a ser vistas como um complemento, nem sempre necessário, pelo que podemos entender que não lhes é reconhecido o seu devido potencial no ensino básico.

Com isto, verificamos que, cada vez mais, há uma educação centrada na transmissão de conteúdos, preocupada não com o desenvolvimento global e equilibrado da criança, mas sim com o cumprimento dos programas escolares.

Este assunto tem sido alvo de discussão por parte de alguns autores, onde destacamos Ken Robinson (2006), que afirmou que a escola tende a valorizar a criança da cintura para cima, e com o avançar dos anos, valorizando só mesmo o seu cérebro, num documentário intitulado Escolas Matam a Criatividade, na Califórnia. Desta forma, a escola não tem criado condições para que a criança se desenvolva de uma forma globalizante e harmoniosa.

Como tal, torna-se pertinente averiguarmos a forma como o Sistema Educativo prevê o desenvolvimento destas áreas na escola, confrontar o que está preconizado pela Lei com o que realmente acontece, e por último, aferir as principais causas que estão na origem desta problemática.

Neste sentido, esta comunicação teve como objetivo dar a conhecer a perceção de Educadores de Infância e Professoras do 1.º Ciclo sobre as potencialidades e limitações do ensino das expressões na escola, procurando-se averiguar:

1. o potencial da área das expressões para o desenvolvimento integral da criança e para a aquisição de aprendizagens;
2. as dificuldades inerentes ao desenvolvimento das expressões na escola;

E ainda, propor possíveis soluções para melhorar a qualidade do ensino das expressões.

## MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Realizámos uma abordagem de carácter qualitativa, na modalidade de estudo de caso e contámos com a colaboração de 3 Educadoras de Infância e 3 Professoras do 1.º Ciclo, que estavam a lecionar no ano letivo de 2011/12 numa Escola Básica Integrada de Ponta Delgada, escola com cooperação na formação de educadores/

professores da Universidade dos Açores. Esta nossa amostra contou com profissionais, educadores/ professores cooperantes, que possuíam na sua maioria habilitação de licenciatura e mais de 15 anos de serviço (83%).

Recorremos à entrevista semi dirigida, elaborada para o estudo e contemplando questões abertas, para recolher as perspetivas das educadoras/ professoras cooperantes. Estas entrevistas abertas, suportadas pela elaboração de um guião de questões/assuntos, que nos permitiu orientar a “conversa” com as entrevistadas, permitem que “(...) o interlocutor do investigador [exprima] as suas perceções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências (...)” (Quivy & Campenhoud, 1992:193).

Por uma questão de confidencialidade dos dados, as entrevistadas foram referenciadas ao longo deste documento com nomes fictícios, referentes a nomes de flores (Azálea, Dália, Gerbera, Margarida, Rosa e Violeta).

A partir da análise de conteúdo das entrevistas elaborámos um sistema de 5 categorias e várias sub-categorias (quadro n.º1).

Quadro n.º1 – Categorias e sub-categorias das perceções de educadores/ professores acerca do ensino das expressões – potencial e dificuldades

<b>Categorias</b>	<b>Sub-categorias</b>
<b>A. Características Profissionais</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1 Habilitação Académica</li> <li>2 Tempo de Serviço</li> </ol>
<b>B. Potencialidades das Expressões na Sociedade Atual</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1 Desenvolvimento da criança</li> <li>2 Promoção de aprendizagens na Área das Expressões</li> <li>3 Promoção de aprendizagens noutras áreas do saber</li> </ol>
<b>C. Condições de Pré-requisito à Implementação das Expressões no Ensino</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Escola <ul style="list-style-type: none"> <li>• Recursos materiais/espaciais</li> <li>• Recursos humanos</li> </ul> </li> <li>2. Professor <ul style="list-style-type: none"> <li>• Relação com a Área das Expressões</li> <li>• Formação</li> <li>• Consequências na prática</li> </ul> </li> <li>3. Crianças <ul style="list-style-type: none"> <li>• Relação com a Área das Expressões</li> <li>• Autonomia</li> </ul> </li> </ol>
<b>D. Características da Implementação das Expressões</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Interdisciplinaridade <ul style="list-style-type: none"> <li>• Integração das Expressões</li> <li>• Integração das Expressões com as outras áreas de conteúdo</li> </ul> </li> <li>2. Aplicação <ul style="list-style-type: none"> <li>• Periódica</li> <li>• Ocasional</li> </ul> </li> <li>3. Estratégias de organização <ul style="list-style-type: none"> <li>• Materiais</li> <li>• Adequação</li> <li>• Estrutura das aulas</li> </ul> </li> </ol>
<b>E. O Desenvolvimento Profissional e o ensino das Expressões na Educação Básica</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Perceções sobre a coadjuvação/cooperação</li> <li>2. Perceções sobre a monodocência</li> <li>3. Perceções dos Professores Cooperantes sobre a implementação das Expressões pelos estagiários</li> </ol>

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O elevado potencial da área das expressões reúne, no consenso geral das nossas entrevistadas, um papel fulcral e insubstituível no desenvolvimento da criança, ao nível das competências, individuais e sociais, essenciais para as aprendizagens escolares, que envolvam ou não, a área da educação artística e desportiva. Analisemos os seguintes excertos:

“Estas áreas vão muito ao encontro das competências e dos conteúdos, das orientações curriculares, de uma forma lúdica.(...) Todas [as áreas] são bonitas porque todas desenvolvem a criança.” (Educ.<sup>a</sup> Gerbera)

“A criança é um todo, não tem só uma parte cognitiva, tem uma parte afetiva. E é precisamente nessa parte, na parte afetiva, que as Expressões são fundamentais. As crianças libertam-se muito nas Expressões, às vezes revelam-nos determinadas facetas que não demonstram na parte cognitiva, na parte dos conhecimentos científicos. E são fundamentais, eu penso que são fundamentais em qualquer criança.” (Prof.<sup>a</sup> Violeta)

De facto, de acordo com a Lei das Bases do Sistema Educativo – Lei n.º49/05, na Educação de Infância, há a preocupação em valorizar as capacidades/potencialidades das crianças, através do desenvolvimento harmonioso e global de todas as áreas. Além disso, nesta fase inicial de educação da criança há lugar para a expressividade, imaginação, criatividade e atividade lúdica, capacidades que são consideradas fundamentais nestas idades.

As Expressões apresentam-se como uma área fundamental para o desenvolvimento global da criança. Não é difícil perceber esta relação, pois quando pensamos numa criança imaginamos um sujeito alegre e ativo, um sujeito em constante movimento, que ora salta, corre, cai, levanta-se. Assim, verificamos que o movimento acompanha o crescimento da criança, sendo o elo de união entre esta e o seu desenvolvimento.

Corroborando desta opinião, Condessa (2009:43) refere que “Nos primeiros anos, o corpo e o movimento intervêm enquanto requisito necessário para desenvolver na criança a capacidade para comunicar sensações, emoções, ideias mensagens; conhecer a sua própria corporalidade e dominar as estruturas espaço-temporais e relacionais; obter ganhos de controlo motor, autonomia, interacção em grupo, capacidade para realizar jogos (de movimento, simbólicos e dramáticos), sensibilidade estética e capacidade criadora.”

Por sua vez, é através do seu corpo que esta interage com o outro, potenciando o desenvolvimento de competências sociais. Pois, a criança ao dominar a sua motricidade ou ao ser capaz de praticar alguma atividade artística ou desportiva sente-se bem consigo própria, como também é vista pelos pares com reconhecimento e pelos familiares com orgulho.

Assim, constatamos que o envolvimento das crianças em atividades que exijam o seu corpo, permite-lhes desenvolver competências para agir de forma ativa na sociedade, tendo em conta que “O corpo oferece ao aluno a possibilidade de comunicar, de produzir, de criar e de transformar através da sua acção.” (Queirós, 2001:179).

As nossas entrevistadas referiram que as Expressões permitem o desenvolvimento da criatividade, da imaginação, da perceção corporal e da sensibilidade estética, através do processo pensar-fazer. Por sua vez, todo o agir é fonte de uma motivação, intrínseca ou extrínseca, ligada às vivências e às suas vontades da criança, envolvendo e desenvolvendo o seu lado emocional. Pois, tal como nos diz Vergílio Ferreira (citado em Lúcio, 2008:45) “(...) a arte termina na forma, mas é na emoção que começa.” Analisemos os seguintes testemunhos:

Com a Expressão Plástica estamos a criar condições para que as crianças desenvolvam a criatividade e a estética. (Educ.<sup>a</sup> Azálea)

“A joaninha que eles fizeram foi praticamente igual, porque as cores eram básicas, mas depois, a nível de suporte, foi-lhes dado a possibilidade de ilustrarem. Então surgiram trabalhos riquíssimos e variados porque uns fizeram de uma maneira, outros fizeram de outra e eles adoram, os miúdos adoram criar.” (Prof.<sup>a</sup> Violeta).

Para além disso, têm a firme convicção que estas áreas potenciam, também, o desenvolvimento de competências académicas, ou seja, as competências que serão mobilizadas ao longo do seu percurso escolar. Pensemos no caso da linguagem oral, em qualquer uma das áreas, seja a Dramática, a Musical, a Plástica e a Motora, a criança é levada a comunicar oralmente. Esta relação é mais evidente nas primeiras duas, pois exigem que a criança utilize a sua voz para se expressar, quer através do jogo de faz-de-conta ou mesmo através do canto. Analisemos os seguintes excertos:

“(...) a parte motora é essencial para o desenvolvimento das outras áreas na criança. Por exemplo o domínio da leitura e da escrita passa muito, também, e em grande parte pelo domínio da motricidade. Uma criança que não tem as noções de lateralidade definidas vai ter muita dificuldade a adquirir a leitura e a escrita (...).” (Prof.<sup>a</sup> Rosa).

“Quando as crianças estão a fazer atividades na Área das Expressões estão também a desenvolver a sua oralidade. Aqui é muito importante o papel da educadora, pois deve colocar à criança questões como “o que estás a fazer?” “Porque estás a fazer isso?”, “já acabaste?”. Além disso, depois das crianças fazerem os seus desenhos, a educadora deve registar o que a criança quer, fazendo com que esta perceba que as imagens têm uma representação escrita.” (Educ.<sup>a</sup> Dália).

Esta ideia foi comprovada por vários investigadores, por exemplo Pollatschek e Frank Hagen (1996:2, citados em Jensen, 2002:130-131), pois verificaram que “As crianças envolvidas numa actividade de educação física diária mostram-se superiores aos níveis da preparação física motora, do desempenho académico e da atitude perante a escola, comparativamente com os outros alunos que não participavam num programa de educação física diária (...)”.

Há, nestas conclusões dois aspetos interessantes, o desempenho académico e a atitude perante a escola. De facto, se a criança sentir-se bem consigo própria e manter uma relação saudável com os seus pares, vai ter uma atitude positiva em relação à escola e, conseqüentemente, um bom rendimento escolar.

Outro aspeto referido é que a área das Expressões promove os mecanismos de captação e armazenamento de informação, isto é, e capacidade de atenção, concentração e de memorização, assim como, o desenvolvimento da autoestima da criança, pois esta sente-se bem consigo própria ao verificar que conseguiu alcançar os objetivos propostos. Neste sentido, Dye (2011) refere que para que a aprendizagem tenha lugar é necessário que as crianças estejam concentradas num estímulo.

Desta forma, podemos verificar que segundo as nossas entrevistadas estas áreas permitem:

“(…) desenvolver (…) a memorização (...), a autoestima, porque há crianças com pouca confiança que ao conseguirem representar perante os colegas sentem-se bem e melhores. O Rui estava contentíssimo por ter decorado tudo. Eles também ajudam-se neste tipo de coisas, foi a Cristina e o André que ajudaram o Rui, porque em casa ele não tem ninguém que o ajude.” (Prof.<sup>a</sup> Margarida)

“(…) são áreas que as crianças gostam mais, por isso estão mais atentas.” (Prof.<sup>a</sup> Margarida).

“Eles não gostam, eles adoram! Foi um dia de festa. Os dias de Expressões são dias de festa, os miúdos adoram porque são muito criativos. E se forem Expressões que apelem à criatividade, ainda gostam mais.” (Prof.<sup>a</sup> Violeta)

De facto, o aspeto motivacional desperta a atenção da criança, porque são áreas que lhes dizem algo, áreas que lhes são significativas.

Como já referimos, o ensino das Expressões na escola é crucial, pelo que é preconizado pelo Sistema Educativo. No entanto, não será novidade dizer que as práticas dos professores, pelo menos da maioria, não respondem a esta necessidade. Com isto, não pretendemos dizer que os profissionais de ensino não estão sensibilizados para a sua pertinência, tendo em conta que anteriormente foram destacados os seus pontos de vista sobre este assunto. Desta forma, importa aferirmos os motivos que dificultam a abordagem das Expressões na escola.

De acordo com os relatos das entrevistadas, os obstáculos inerentes ao desenvolvimento desta área estão associados a três domínios distintos (Quadro n.º 2):

Quadro n.º 2 - Dificuldades Sentidas no Desenvolvimento das Expressões



Como tal, podemos verificar que para além de aspetos relacionados com o seu desenvolvimento profissional, nomeadamente a sua formação e a capacidade para gerir o currículo, o educador/professor é confrontado com dificuldades referentes à própria escola onde leciona e às características das crianças.

Desta forma, apuramos que a falta de recursos materiais constitui uma dificuldade sentida no trabalho do educador/professor, pelo que se podem apresentar algumas das suas consequências no desenvolvimento desta área. Assim, tal como refere a Professora Rosa,

“(…) um dos fatores que nos faz, se calhar, não aplicar muitas vezes determinadas técnicas é a falta de recursos (…)”.

Contudo, “A falta de meios não deve ser motivo de desânimos, mas sim de aguçamento da capacidade inventiva e aprofundamento de uma técnica.” (Almeida et al., 1971:53). Neste sentido, a Educadora Dália referiu que:

“[Costumam] representar histórias, o problema é a falta de adereços. Mas as crianças são muito criativas, conseguem transformar/imaginar um objeto noutra. Uma criança para fazer de joaninha pôs uma panela na cabeça.”

Por sua vez, foi referido pela totalidade de educadoras e por alguns professores a falta de recursos humanos para dar apoio, sobretudo às crianças mais pequenas. Conforme relatam:

“(…) no quinto e no sexto ano são duas docentes para Expressão Plástica e nós somos apenas uma pessoa para lidar com crianças muito mais dependentes, necessitadas e que requerem por vezes muita ajuda”. (Prof.<sup>a</sup> Violeta)

“(…) às vezes eles são pouco autónomos, o que se torna mais complicado para o professor dar apoio a tantos (…)” (Prof.<sup>a</sup> Margarida)

Estas aulas são aulas que têm uma natureza diferente das habituais, são mais barulhentas, como referem as docentes:

“São aulas que exigem do professor muito mais esforço (…)” (Prof.<sup>a</sup> Margarida)

“(…) os miúdos ficam muito agitados (…)” (Prof.<sup>a</sup> Rosa)

Por fim, surgem as dificuldades inerentes ao próprio professor, nomeadamente a existência de uma formação pobre na área e a dificuldade na gestão do currículo. Este aspeto é apontado, unicamente, pelas docentes do 1.º CEB, onde verificamos que estas consideram as Expressões como áreas de menor valor, pelo que afirmam

“(…) eles têm é que saber ler e escrever (…)” (Prof.<sup>a</sup> Margarida)

“(...) nós temos um programa extenso nas outras áreas e torna-se muito difícil dar prioridade às Expressões.” (Prof.<sup>a</sup> Violeta).

É possível constatar que os professores têm dificuldade em “(...) conceber a mesma importância [às Expressões] que os outros domínios têm no processo de aprendizagem (...)” (Oliveira, 2003:40), tendo em conta que as preocupações das docentes deste nível de ensino incidem, maioritariamente, no desenvolvimento das competências relativas ao Português, à Matemática e ao Estudo do Meio.

Este aspeto parece ser consequência da avaliação externa que é realizada nestas áreas, pois a professoras do 1.º ciclo estão muito presas à avaliação, pelo que incidem o seu trabalho, maioritariamente, nas áreas ditas de conteúdo, conforme nos conta:

“(...) o problema é que eles exigem os nossos horários com essas Expressões todas e com tudo isso, só que depois no final querem resultados e sem ovos não se fazem omeletes. E agente para ter uns bons resultados é preciso trabalhar muito com estas crianças e não é a brincar e a fazer de conta que muitas vezes isso acontece.” (Prof.<sup>a</sup> Rosa)

Em geral, podemos verificar que não é só a dificuldade em gerir o currículo, é mais a dificuldade em perceber que todas as áreas que o compõem são importantes para o desenvolvimento da criança. De facto as Expressões apresentam um lugar significativo nos currículos, mas não apresentam a mesma igualdade, em relação às outras áreas do currículo em termos da avaliação.

Por último, as entrevistadas destacam a falta de conhecimentos sobre a área das Expressões e a falta de formação é referida como uma das grandes dificuldades sentidas no desenvolvimento das Expressões. Neste sentido, registamos as seguintes confidências:

“(...) não sei tocar nenhum instrumento, há muitos professores e muitas educadoras que sabem tocar e isso também é bom, é diferente.” (Prof.<sup>a</sup> Rosa)

“(...) sinto-me limitada... eu gostava de saber tocar um instrumento. É um bocadinho a falta de formação que me impede dar mais de mim. Mas eu gostava, gostava de saber e de lhes dar a oportunidade de aprender (...)” (Prof.<sup>a</sup> Violeta)

Na opinião de Mota (2003:27), isto ocorre porque “Ao contrário de todas as outras áreas do currículo (...) esta é a única em que os alunos chegam ao ensino superior com uma formação tão exígua e sobretudo não sequencial.”

Aqui denotamos não só a falta de formação contínua nestas áreas, mas ainda a inadequação do conteúdo dessas formações às reais dificuldades e necessidades dos educadores/ professores.

Além disso, achamos pertinente repensar o conteúdo das formações, isto é, o que precisa o educador/professor do século XXI para ter êxito nas aulas de Expressões? Ora vejamos o seguinte quadro (quadro n.º3), referente às ações de formação que as entrevistadas já tiveram ao longo do seu percurso profissional.

Quadro n.º 3 – Ações de Formação na Área das Expressões

	<i>E. Dramática</i>	<i>E. Físico-Motora</i>	<i>E. Musical</i>	<i>E. Plástica</i>
Educadora Azálea				
Educadora Dália			X	
Educadora Gerbera	X	X	X	X
Professora Margarida	X	X	X	X
Professora Rosa	X		X	
Professora Violeta	X	X	X	X
<b>Total</b>	4	3	5	3

Com base na sua leitura, podemos verificar que a maioria das entrevistadas, à exceção de duas educadoras e uma professora, que já tiveram formação em todas as áreas de Expressão, ou pelo menos, em quase todas. No entanto, as suas práticas no 1.º CEB, não são reflexo deste aspeto. A nosso ver, estes resultados evidenciam uma desarticulação entre a formação contínua e as vivências que decorrem na sala de aula, pelo que se torna urgente repensar a qualidade destas formações, permitindo o desenvolvimento de competências que lhes permitam implementar a referida área como um meio e como um fim.

Outra medida que pode vir a melhorar o ensino das Expressões refere-se à coadjuvação e cooperação, uma vez que as escolas necessitam de professores especialistas, professores que dominem os conhecimentos específicos das áreas, de modo a proporcionar uma formação com mais qualidade e mais ampla (Carolino, 2007:159).

No entanto, não estamos perante uma novidade, pois a coadjuvação/cooperação já funciona nas escolas! Mas será que o que está verdadeiramente a acontecer pode ter esta designação? Será que estamos perante a colaboração entre docentes, que envolve a partilha e a cooperação, com vista ao alcance de objetivos comuns?

Atente-se o seguinte relato:

“(…) o que se nota depois é que com estes professores a virem dar as aulas os nossos alunos ficam desorientadíssimos, completamente, ninguém sabia onde estava o material de cada um, as salas eram um desatino.” (Prof.ª Rosa)

Neste sentido, Leite (2001:51) refere que a coadjuvação não deverá ser uma cultura de substituição, mas sim uma cultura de cooperação. No entanto, o que se verifica nas escolas é que o professor especialista é visto como o único responsável por um determinado tempo letivo, o que naturalmente, leva a que as coisas não funcionam bem, tendo em conta que a formação deste não é voltada para a pedagogia.

## CONCLUSÕES

As percepções das Educadoras de Infância e das Professoras do 1.º Ciclo das escolas do nosso estudo foram uma mais-valia, pois possibilitaram um melhor conhecimento da realidade escolar no contexto da escola analisada.

Neste sentido, verificamos que as opiniões destas divergem no que concerne ao desenvolvimento das Expressões e ao seu lugar no currículo. Assim, as Educadoras de Infância entrevistadas reconhecem o potencial da área em estudo e dizem ter um lugar significativo no dia-a-dia do Jardim de Infância, quer em momentos em que a educadora já tem uma atividade pensada ou mesmo de forma espontânea, tendo em conta que a própria organização da sala (diversas áreas) aponta para o desenvolvimento de diferentes áreas de Expressão.

Apesar das Professoras do 1.º Ciclo referirem, também, a importância destas áreas para o desenvolvimento das crianças, os seus discursos apontam que esta tem um lugar secundário, quando comparada com as áreas de conteúdo (Português, Matemática e Estudo do Meio). Na nossa opinião este aspeto não parece ser, unicamente, da responsabilidade do professor, pois, como todos sabemos, as áreas de conteúdo são avaliadas no final do ciclo, estando em causa o “rosto” da escola.

No que diz respeito às dificuldades mencionadas pelas Educadoras e Professoras, é o facto do desenvolvimento das Expressões ser exigente, pois obriga o professor a superar aspetos referentes à criança, à escola e a si próprio. No entanto, ele acaba por arranjar estratégias que lhe permitem implementar estas áreas na escola, pelo que as dificuldades sentidas não parecem ser a causa da problemática que identificámos.

A nosso ver, o aspeto que inibe o desenvolvimento das Expressões e que não está, à partida, ao alcance do educador e do professor diz respeito ao nível de conhecimentos específicos sobre a referida área. Neste sentido, propomos melhorar a formação contínua oferecida aos educadores e professores, isto é, facultar-lhes formações de acordo com as suas verdadeiras necessidades, como também (re)pensar a coadjuvação e cooperação, onde esta deverá ser vista como uma troca mútua de saberes (os conhecimentos científicos do professor especialista e os conhecimentos pedagógicos e afetivos do professor titular).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A., Santos, J. & Santos, M. (1971). Educação pela Arte na Escola Primária – Guia Didáctico. Lisboa: Tipografia António Coelho Dias, Lda.
- Carolino, A. (2007). A actualidade do 1º. CEB: monodocência, coadjuvação ou pluridocência? In C. Leite & A. Lopes (org.), Escola, Currículo e Formação de Identidades (pp. 155-171). Porto: Edições ASA.
- Charréu, L. (2001). Técnica, Espaço Escolar e Criatividade no Ensino da Expressão Plástica. In M. Patrício (org.), Escola, Aprendizagem e Criatividade (pp. 163-167). Porto: Porto Editora

IV. Atores envolvidos na formação profissional: trajetórias, motivações, formação e identidade | Acteurs impliqués dans la formation professionnelle ; les trajectoires ; motivations, formation et identité

- Condessa, I. (2009). A Educação Física na Infância. Aprender: a Brincar e a Praticar. In I. Condessa (Org.), (Re)Aprender a Brincar: Da Especificidade à Diversidade (pp.37-49). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Dye, G. (2011). Atenção. In S. Feinstein. A Aprendizagem e o Cérebro (pp. 61-65). Lisboa: Instituto Piaget.
- Jensen, E. (2002). O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens. Um guia para pais e educadores. Porto: Edições ASA.
- Leite, C. (2001). Monodocência – Coadjuvação. In Gestão Curricular no 1º Ciclo: Monodocência – Coadjuvação (pp. 45-51). Lisboa: Ministério da Educação – Departamento de Educação Básica.
- Levy, T. (1994). Interdisciplinaridade e comunicação. Revista de Educação, IV, 13-21.
- Lúcio, A. (2008). Educação Arte e Cidadania. Temas & Lemas.
- Ministério da Educação (2004). Organização Curricular e Programas do 1º Ciclo. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Ministério da Educação (2009). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Morais, D. (2009). As actividades de enriquecimento curricular – Ensino artístico... obrigatório?. NOESIS, 76, 22-23.
- Mota, G. (2003). A Formação para a Expressão Musical na Educação de Infância e no 1º Ciclo do Ensino Básico: Contributo para um Olhar Crítico. Educare, Apprendere, 1, 23-37
- Oliveira, M. (2003). A Expressão Plástica e Desenvolvimento Curricular: Implicações para a Formação. Educare, Apprendere, 1, 39-52.
- Queirós, P. (2001). O Corpo como Elemento Criador na Escola. In M. Patrício (org.). Escola, Aprendizagem e Criatividade (pp. 177-180). Porto: Porto Editora.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.
- Raposo, M. (2005). A Construção da Pessoa: Educação Artística e Competências Transversais. Revista de Educação, XIII, 29-50.
- Santos, E. (2003). A Importância da Educação Artística no Desenvolvimento Global da Criança. Educare, Apprendere, 1, 13-21.
- Tate, M. (2011). Estilos de Aprendizagem. In S. Feinstein. A Aprendizagem e o Cérebro (pp. 239-243). Lisboa: Instituto Piaget.

IV. Atores envolvidos na formação profissional: trajetórias, motivações, formação e identidade | Acteurs impliqués dans la formation professionnelle ; les trajectoires ; motivations, formation et identité

### **SITES CONSULTADOS**

<http://www.youtube.com/watch?v=yFi1mKnvs2w> [Acedido a 12 de janeiro de 2012]

[http://www.youtube.com/watch?v=0pn\\_oTlwy4g](http://www.youtube.com/watch?v=0pn_oTlwy4g) [Acedido a 12 de janeiro de 2012]

### **LEGISLAÇÃO CONSULTADA**

Lei de Bases do Sistema Educativo: lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto. Diário da República, n.º 166, 1ª Serie.